

## Carlos Lopes, um apaixonado por Agricultura desde criança

*Começou a trabalhar na Agricultura na casa dos pais e iniciou os estudos na Escola Profissional Agrícola em Carvalhais (Mirandela) e depois na Escola Superior Agrária de Bragança, onde fez um Bacharelato em Gestão da Empresa Agrícola. Mais tarde criou a sua exploração agrícola onde produz azeite, vinho, uvas, amêndoa e algum cereal (aveia).*

*A paixão pela Agricultura fez com que em 2002 ajudasse a criar a Associação para o Desenvolvimento Agrícola e Rural das Arribas do Douro (ADARAD), da qual é dirigente, assim como da CNA. Os seus dias dividem-se entre a Agricultura e a associação, lutando sempre por uma Agricultura nacional melhor e pela nossa Soberania Alimentar.*



**Voz da Terra: No Planalto Mirandês chegaram a existir mais de 300 produtores de leite. Em 2017 eram 70 produtores. Que impactos teve esta diminuição na dinâmica económica e social da região?**

**Carlos Lopes:** Ainda há 10 anos existiam muitos produtores e produção, enquanto hoje apenas temos 13 produtores que produzem uma média de 8500 litros por dia. O Planalto Mirandês teve um circuito integrado de excelência. Cada freguesia tinha salas colectivas de recolha de leite, que foi um grande salto no desenvolvimento do concelho e para a economia local porque movimentava muito dinheiro todos os dias, mas o aumento dos custos e dos combustíveis sentenciaram a morte do sector.

**VT: Houve abandono e/ou transferência para outros sectores?**

**CL:** Sim, ainda se testou em Mogadouro o leite biológico, com seis explorações por volta de 2012 até 2015, mas também acabou por fechar.

Houve também, em 2015/2016, uma tentativa de produção de soja para combater este abandono do sector leiteiro [através de] um

projecto-piloto com o município de Mogadouro, onde se cultivaram por volta de 50 a 60ha. Os resultados não foram os esperados porque os custos da semente eram bastante elevados, faltavam outros factores de produção que era necessário importar, o que acabou também por ditar o fim desse cultivo.

**VT: A região caracteriza-se pela produção em sequeiro onde a produtividade é tendencialmente mais baixa. Qu e tipo de culturas e apoios considera serem importantes para os produtores e para a região?**

**CL:** Hoje vemos que com o abandono do leite e do cereal as pessoas foram obrigadas a mudar o paradigma das suas explorações. Uma alternativa é continuar a apostar no olival tradicional porque vai havendo algum nicho de mercado, visto que, os grandes produtores do olival super intensivo ou intensivo precisam do azeite das cooperativas (tradicional) para conseguirem fazer lotes desse azeite sem perder a qualidade em 6 meses.

O regadio existe em pequena percentagem no concelho e faz falta, na medida em que o Planalto Mirandês tem muitas áreas planas e sem declive, para tentar duplicar as



produções e também as ajudas comunitárias. No meu entender, as pessoas no tradicional é que deveriam receber mais para compensar essas perdas.

**VT: Considera que as Organizações de Produtores reconhecidas facilitam o escoamento da produção?**

**CL:** Através destes agrupamentos os pequenos agricultores podem tentar se organizar e escoar os produtos, mas se não lhes “facilitarem” a vida acabam por esbarrar sempre na mesma situação. Por exemplo, sou sócio de uma OP da amêndoa e recebo sempre menos por quilo de grão de amêndoa ou de amêndoa do que recebo no intermediário fora. O princípio do agrupamento será concentrar para depois ter peso e conseguir negociar, mas eu consigo vender mais caro ao intermediário do que depois o agrupamento de produtores me paga.

**VT: Como pode a organização dos produtores ser melhorada?**

**CL:** Algo que está a fazer falta na região é, nas cooperativas, ao nível do azeite tradicional, a criação de um rótulo mais interessante e talvez garrafas de 0,75.

A nível da CIM (Comunidade Intermunicipal) está a ser feito um rótulo das Terras de

Trás-os-Montes, para que alguns agricultores (eu também me inscrevi) através desse rótulo e dessa instituição consigam escoar o produto embalado.

**VT: São notícia os grandes investimentos em centrais fotovoltaicas no concelho com uma já em funcionamento. Que consequências têm para o sector agrícola e florestal?**

**CL:** O Planalto Mirandês já tem uma central fotovoltaica montada e em funcionamento com 70ha de painéis. Há 4/5 anos alguém andou a fazer um levantamento e a dizer às pessoas que isto era a “galinha dos ovos de ouro”. Compraram e alugaram uns terrenos, e começaram por pagar bem o hectare a 10.000/m<sup>3</sup>. O município empregou 150 pessoas durante 6 meses e neste momento estão duas.

Tenho informação que continuam a ser feitos levantamentos nas aldeias para saber se as pessoas têm interesse em continuar a vender ou a alugar os seus terrenos, mas já não estão muito interessadas porque depressa se aperceberam que o que pagam de mais-valias e de imposto de aluguer e de rendas acaba por não ser muito

compensatório e também deixaram de receber as ajudas dos subsídios que se calhar ao fim de algum tempo era melhor.

Não sou contra os painéis, mas que os instalem em zonas sem cultivo ou que não sejam produtivas. Estas empresas têm interesse em terrenos do Planalto Mirandês por serem terrenos direitos, limpos, livres de árvores ou com poucas espécies porque não dá trabalho, é só furar por o tutor e pôr o painel em cima.

Independentemente da poluição, uma coisa é certa: destoa na paisagem.

***“O princípio do agrupamento será concentrar para depois ter peso e conseguir negociar, mas eu consigo vender mais caro ao intermediário do que depois o agrupamento de produtores me paga.”***

Co-financiado por:



PDR2020 - 2.1.4 - FEADER - 044980



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu Agrícola

de Desenvolvimento Rural

A Europa Investe nas Zonas Rurais